

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Cremação

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO NOVE)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba — SP

Setembro de 2010

Revisão 01 Novembro 2024

ÍNDICE

CONVERSANDO SOBRE A MORTE.....	03
ESTUDOS ESPÍRITAS.....	03
O PROBLEMA DO SER DO DESTINO E DA DOR.....	04
PENSAMENTO E VONTADE	04
PINGA FOGO COM CHICO XAVIER.....	04
O HOMEM NOVO.....	05
A TRAJETÓRIA EVOLUTIVA DO ESPÍRITO.....	06
O CONSOLADOR.....	08
DOS HIPPIES AOS PROBLEMAS DO MUNDO	09
CONDUTA ESPÍRITA.....	09
FEITIÇARIA (EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE)	09
VENCENDO A MORTE E A ÓBSESSÃO.....	09
A IMORTALIDADE DA ALMA.....	10
A PROPÓSITO DA INTRODUÇÃO À METAPSYCHICA HUMANA.....	11
INICIAÇÃO AO ESPIRITISMO.....	11
FISIOLOGIA TRANSDIMENSIONAL.....	12
RUMO ÀS ESTRELAS.....	13
CHICO.....	13
ENSINA-NOS A ORAR.....	14
MECANISMOS DA MEDIUNIDADE.....	14
PENA DE MORTE & CREMAÇÃO.....	14
PÉROLAS DO ALÉM.....	14
A GÊNESE.....	15

CONVERSANDO SOBRE A MORTE

Álvaro Chrispino

Uma outra maneira atual de desvencilhar-se do cadáver é a cremação. Este processo tem sido cada vez mais utilizado no Ocidente, mas com toda a certeza teve sua origem na Ásia e Oriente. A literatura e o cinema estão repletos de citações de atos crematórios, por exemplo, na Índia, terra onde se acredita que “o fogo acelera o processo de afastamento do corpo e da alma” (Rodrigues)

Entre os povos que utilizam a cremação encontramos os nativos da ilha de Bali, no conjunto Indonésio, a Tailândia e comunidades indígenas americanas. Existem diferenças ritualísticas entre os povos: os fornos modernos podem cremar o cadáver em até duas horas, nos processos utilizando lenha ao ar livre, ou em alguns casos madeira semipreciosa, ou preciosa, como é o caso da Tailândia, pode levar até 10 horas.

ESTUDOS ESPÍRITAS

Joanna de Ângelis
Divaldo Pereira Franco

Morrer

CONCEITO - A problemática da morte é decorrência do desequilíbrio biológico e físico-químico essenciais à manutenção da vida. Fenômeno da transformação, mediante o qual se modificam as estruturas constitutivas dos corpos que sofrem ação da natureza química, física e microbiana determinante dos processos cadavéricos e abióticos, a morte é o veículo condutor encarregado de transferir a mecânica da vida de uma para outra vibração. No homem representa a libertação dos implementos orgânicos, facultando ao espírito, responsável pela aglutinação das moléculas constitutivas dos órgãos, a livre ação fora da constrição restritiva do seu campo magnético.

Morrer, entretanto, não é se consumir. Da mesma forma que a matéria se desorganiza sob um aspecto para reassociar-se em outras manifestações, o espírito se ausenta de uma condição - a de encarnado -, para retornar à situação primeira de sua existência - despido do corpo material.

A vida carnal é decorrência da existência do princípio espiritual e a vida poderia existir no espírito sem que houvesse aquela.

Morrer ou desencarnar, porém, nem sempre pode ser considerado como libertar-se. A perda do casulo celular somente liberta o espírito que estruturou o seu comportamento, quando no corpo, sem a dependência enlouquecedora deste. Os que se imantaram aos vigorosos condicionamentos materiais, utilizando a vestimenta física como veículo apenas para vaso de luxúria ou egoísmo, qual instrumento de gozo incessante ou do orgulho, na expressão de castelo de força e de paixões, ante a desencarnação prosseguem vinculados aos vapores entorpecentes das emanções cadavéricas em lamentável e demorado estado de perturbação, sitiados pelas visões

torpes da destruição dos tecidos, sofrendo a voragem dos vibrões famélicos, enlouquecidos entre as paredes estreitas da paisagem sepulcral.

A vida começa a perecer desde o momento em que se agregam as células para a mecânica do viver.

Vida e morte, pois, são termos da mesma equação do existir.

Não morre aquele que aspira ao amor e sonha com o Ideal da Beleza, entregue ao cultivo da virtude, no exercício da retidão. Não se acaba aquele que se entrega à vida, pois que mediante cíclicas mudanças do tono vibratório o espírito se translada de corpo a corpo, de estágio a estágio evolutivo até alcançar a plenitude da vida na vitória estuante da Imortalidade.

Enquanto os processos abióticos são substituídos por novas atividades bioquímicas, o cadáver passando à fase da desintegração autólise e putrefação, o espírito que se educou para os labores de libertação encontra-se indene à participação do desconcertante fenômeno de transformação celular, não ocorrendo o mesmo com aqueles que transformaram o corpo em reduto de prazer ou catre de paixões de qualquer natureza.

O PROBLEMA DO SER DO DESTINO E DA DOR

Léon Denis

As inumações são feitas com um aparato que deixa outras impressões não menos penosa na memória dos assistentes. O pensamento de que o nosso invólucro será também por sua vez depositado na terra provoca como que uma sensação de angústia e asfixia. No entanto, todos os corpos que por nós foram animados, no passado, jazem igualmente no solo ou vão sendo paulatinamente transformados em plantas e flores. Estes corpos eram simples vestuários usados; a nossa personalidade não foi enterrada com eles; pouco nos importa hoje o que foi feito. Por que havemos, então, de nos preocupar mais com a sorte do último do que com a dos outros? Sócrates respondia com justeza aos amigos que lhe perguntavam como queria ser enterrado: "Enterrai-me como quiserdes, se puderdes apoderar-vos de mim." ¹¹¹

111 - Pergunta-se muitas vezes se a cremação é preferível à inumação sob o ponto de vista da separação do Espírito. Os invisíveis, consultados, respondem que, em tese geral, a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento, doloroso mesmo para a alma apegada à Terra por seus hábitos, gostos e paixões. É necessário certo arrebatamento psíquico, certo desapego antecipado dos laços materiais, para sofrer sem dilaceração a operação crematória. É o que se dá com a maior parte dos orientais, entre os quais está em uso a cremação. Em nossos países do Ocidente, em que o homem psíquico está pouco desenvolvido, pouco preparado para a morte, a inumação deve ser preferida, posto que por vezes dê origem a erros deploráveis, por ser preferida, porque permite aos indivíduos apegados à matéria que o Espírito lhes saia lenta e gradualmente do corpo; mas, precisa ser rodeada de grandes precauções. As inumações são, entre nós, feitas com muita precipitação.

PENSAMENTO E VONTADE

Ernesto Bozzano

Coloquei-me, depois, à feição de poder tocar a substância sem ser vista, mas, quando estava a pique de o fazer, todo o corpo do médium se contorceu em convulsivo espasmo, e o controle exclamou: - "Não me toque, não me toque porque me mataria!"

PINGA FOGO COM CHICO XAVIER

Edicel

Almir Guimarães – O Sr Eloy Fernandes, rua Iguape, 6.A. Opinião de Chico Xavier sobre a cremação de corpos que será implantada no Brasil.

Chico Xavier – Já ouvimos Emmanuel a esse respeito e ele diz que a cremação é legítima para todos aqueles que a desejam, desde que haja um período de 72 horas de expectação para a ocorrência em qualquer forno crematório, o que poderá se verificar com o depósito de despojos humanos em ambiente frio.

O HOMEM NOVO

José Herculano Pires

Situação dos Espíritos perante a dissecação de seus cadáveres

Curioso episódio relatado pelo prof. Paul Gibier - Pancadas invisíveis contra o anatomista e um médium - Experiência mediúnica numa sala de anatomia.

Qual a situação dos espíritos que vêm os seus corpos dissecados nas salas de anatomia? Anualmente, em certas escolas superiores, celebram-se cerimônias religiosas especiais, por intenção desses espíritos. Agora mesmo, os jornais noticiaram a celebração da chamada “Missa do Cadáver”, na Faculdade de Farmácia da Universidade de São Paulo. Poderia o Espiritismo dizer-nos alguma coisa a respeito do assunto, que naturalmente interessa a todos os espiritualistas?

“O Livro dos Espíritos”, obra básica da doutrina, informa-nos quanto às mais variadas situações espirituais do homem, após a morte. No capítulo sexto da segunda parte do livro, Kardec inseriu, como item quarto, um “Ensaio teórico sobre a sensação nos espíritos”. Que esclarece bem o problema. O espírito consciente do seu estado, mas ainda preso às sensações materiais, ligado ao corpo, é atingido pelo que fazem ao cadáver, embora não sinta mais as dores físicas da dissecação. Muitas vezes se revolta, se encoleriza. Por isso mesmo, antes dos trabalhos dessa natureza, professores e alunos deviam reunir-se em prece, em favor dos espíritos que ainda estiverem ligados aos corpos que vão ser dissecados.

As cerimônias religiosas posteriores são homenagens, quase sempre simbólicas, enquanto as preces e vibrações mentais anteriores constituiriam ajuda eficiente. Sabemos muito bem que isto ainda não é possível, no ambiente materialista em que vivemos. Sabemos também que muitos professores e alunos darão de ombro ao que estamos dizendo, por considerarem a nossa atitude puramente supersticiosa, sem nenhum fundamento científico. Entretanto assim não pensam os grandes cientistas que se interessaram pelas experiências espíritas. E alguns deles, como o prof. Paul Gibier, ex-interno dos hospitais de Paris, ajudante naturalista do Museu de Historia Natural, Oficial de Academia, podem fornecer-nos dados curiosos a respeito desse problema.

No seu ensaio de “fisiologia transcendente”, ou “ensaio sobre a ciência futura”, como ele mesmo o chamou, conta-nos o prof. Gibier o que lhe aconteceu, numa experiência psíquica realizada em sala de anatomia. O livro em que aparece esse relato tem o título de “Análise das Coisas”, lançado em tradução portuguesa pela Livraria da Federação Espírita Brasileira. Um dos mais lúcidos e belos trabalhos, de ordem científica, sobre o Espiritismo, já publicados no mundo.

O prof. Gibier realiza sessões, quase diariamente, à noite, para observações sobre “a força anímica”, numa sala de laboratório próxima aos anfiteatros de dissecação da Escola Prática da Faculdade de Medicina de Paris. Pouco antes da noite de uma das sessões, realizara estudos de cirurgia num cadáver, no laboratório. Durante os trabalhos, que deviam produzir fenômenos de materialização e efeitos físicos, conseguiu-se pouco. O médium se queixava de más influências, que tentavam dominá-lo. Ao se retirarem, - conta o prof. Gibier, - “em caminho, da rua Lhomond

para a rua Claude Bernard, fomos repentinamente agredidos por uma saraivada de pancadas, que ouvíamos e sentíamos muito bem, e que alcançavam principalmente o médium”.

Uma semana depois, reuniram-se novamente, o prof. Gibier e seus amigos, com o médium, na mesma sala. Mal entraram ali, começaram os fenômenos físicos, de natureza violenta. E logo depois o médium era “tomado” por um espírito vingativo, que tentou agredir o experimentador. Ainda inexperiente, o prof. Gibier chegou a travar luta com o médium. Quando se lembrou, porém, das instruções de uma pessoa “muito em dia com essas coisas”, tomou atitude diferente. Através de vibrações favoráveis e de passes, conseguiu que a entidade se retirasse, deixando o médium. Tratava-se do espírito do cadáver dissecado, que desejava vingar-se do que considerava uma profanação.

Esse exemplo, que nos é dado por um médico, um sábio, um investigador consciencioso e leal, mostra que não estamos falando de duendes ou fantasmas, e sim de princípios vitais, que não podem ser esquecidos por professores e alunos de medicina. Deixemos que o próprio. Gibier explique o que há de natural, de positivo, e não de imaginário ou supersticioso, neste problema. “A vida, tal como a observamos, - diz o mestre, - mostra-se no ponto de convergência de três princípios. Ou, se preferirdes: o Espírito animizou a Energia e organizou a Matéria, para fazer agir uma sobre a outra e dar vida ao ser.”

Em outras palavras, nos termos da doutrina espírita: o Espírito animiza o Perispírito, ou Corpo Espiritual, e este organiza o Corpo ou organismo material. Ao dissecar um cadáver, estamos lidando com uma parte do Ser, que, longe de se encontrar extinto, permanece em todo o seu poder energético e espiritual. Podemos fazê-lo em benefício da ciência, mas não devemos esquecer o respeito que nos merece a criatura espiritual a ele ligado.

A TRAJETÓRIA EVOLUTIVA DE ESPÍRITO

Djalma Motta Argollo

O Destino dado ao Cadáver

Muitos temos o hábito de afirmar que o cadáver dos nossos mortos são meras “roupas sem valor”, não importando, portanto, o destino que se-lhes venha a dar. Infelizmente o assunto não é tão simples assim.

Os animais irracionais não têm a menor preocupação com o cadáver dos seus iguais. Simplesmente os abandonam ao relento para que se decomponha, ou sirva de alimento para outros, quando eles mesmos não o devoram.

Quando o homem mal se diferenciava dos seus irmãos da floresta, no que tange a razão, agia, sem qualquer sombra de dúvida, da mesma forma. o que veio a mudar o comportamento do primitivo foi, naturalmente, a “descoberta do Espírito”, consequência da “primeira RM” do Pleistoceno. O corpo passou a ser entendido como instrumento da alma, merecendo, portanto, toda reverência e carinho, quando esta se liberava. Alguns grupos desenvolveram a idéia que o cadáver guardaria as virtudes do morto, surgindo assim o canibalismo ritual. A descoberta de sepulturas pré-históricas onde os crânios tinham o buraco occipital alargado, sugerem que o foram para que o cérebro fosse retirado, servindo de “alimento mágico”, pelo qual se absorviam os valores e conhecimentos do defunto. Os inimigos aprisionados e mortos tinham seus corpos devorados, como ainda era costume entre os nossos índios no século XVI, pela mesma razão, adquirindo os que deles se alimentavam a bravura e coragem que houvessem demonstrado em vida.

Quando os despojos físicos começaram a ser sepultados, as formas de fazê-lo apresentam grandes variações. Alguns esqueletos mostravam sinais de que foram privados da carne previamente, pois os ossos passaram por um processo de manipulação, sendo pintados e

arrumados de forma padronizada. Outros foram enterrados com os membros amarrados e, algumas vezes, de ponta cabeça, dando a entender que se procurava evitar que o morto voltasse para prejudicar os vivos.

Um grande número de sepulcros pré-históricos contem armas e alimentos, numa clara demonstração de que o grupo social do qual o defunto fez parte tinha conhecimento de que a vida no Além tem características semelhantes à do nosso plano.

O costume de se preparar o cadáver atingiu o Máximo de sofisticação no Egito, quando passou a ser embalsamado, para que o Espírito continuasse "vivo", e pudesse retornar a existência, numa ressurreição futura. Igualmente, as sepulturas egípcias guardam alimento, roupas, jóias, moveis, utensílios variados, jogos, armas, comidas figuras de barro representando servos, para servirem ao desencarnado. Os Citas eram mais radicais. Enterravam reis e aristocratas com seus pertences e os próprios animais e servos, os quais eram sacrificados e fixados com estacas, formando um cortejo imponente, enquanto lúgubre.

Os persas optaram por expor seus defuntos no alto de torres, para que fossem devorados pelos abutres e outras aves carnívoras. Já os hebreus preferiam sepultar os mortos, depois de lhes darem um tratamento com perfumes e unguentos, envolvendo-os em lençóis de linho e, ao tempo de Jesus, com moedas de ínfimo valor postas sobre os olhos. O sepultamento se fazia no solo ou em sepulcros escavados nas rochas ou construídos para esse fim.

Os romanos utilizavam, indistintamente, a cremação e o sepultamento. No primeiro caso, dava-se as cinzas o destino que a família quisesse, no segundo, utilizavam-se cemitérios, às vezes subterrâneos, conhecidos como Catacumbas, ou mausoléus construídos a beira das estradas.

Muitos habitantes da Índia até hoje dão preferência, também, a incineração dos seus mortos e, no caso de algumas das varias seitas que ali medram, se o morto é casado, a mulher é obrigada a ser queimada junto com o esposo, só que, neste caso, viva. Os Chefes de Estado hindus, desde Gandhi, vêm envidando esforços para erradicar esse costume infeliz.

Nos dias atuais, coexistem diversas das formas citadas de sepultamento, inclusive das mais primitivas. No Ocidente, o sepultamento é uma forma normal de inumação, embora exista um grande número de pessoas que praticam e desejam a cremação dos defuntos, principalmente nos Estados Unidos da America.

Vejam, a luz do que temos discutido até agora quanto a desencarnação, quais os reflexos da maneira de sepultar o cadáver sobre o Espírito que está retornando à Pátria Espiritual.

Repercussão do Tratamento dado ao Cadáver sobre o Espírito

As leis brasileiras, como de resto as vigentes no hemisfério ocidental, estabelecem que o enterro dos restos mortais só pode acontecer após a morte ser atestada por um médico, com suas causas devidamente constatadas. Se houver suspeita quanto a "normalidade" da morte, departamentos especializados da policia, os Institutos Médicos legais em nosso caso, são chamados a se pronunciar, pelo exame fisiológico e químico do cadáver em geral, e de suas vísceras e órgão internos, em particular, para estabelecimento da "causa mortis".

Outro ponto, e que, de modo geral, fica estabelecido o mínimo de vinte e quatro horas entre o horário da morte e o sepultamento.

Como vimos mais acima, o Espírito não se desliga imediatamente do corpo, mas sofre um processo de separação lenta e gradual dos liames energéticos que unem o perispírito a todas as células do organismo. Dai, os problemas enfrentados pelo desencarnante no período do "velório", pela irresponsabilidade, fruto da ignorância, de parentes e amigos.

Por não saber o que significa a morte, a maioria dos que estão em "processo de desencarnação" imaginam estar sendo vitima de terrível pesadelo. Isto ja foi bastante ilustrado em casos citados acima. Aferram-se ao desejo de retomar o corpo a todo transe, aumentando o mal-estar que já estão sofrendo, dificultando o desligamento dos laços fluidicos que os vinculam

aos despojos. Por causa disto, bem como, pela percepção do que acontece no ambiente, as manipulações impostas ao corpo são "sentidas" como se ainda estivessem encarnados.

Nas situações em que o defunto é levado a passar por autópsia, imagine-se o horror e o sofrimento por ver o corpo ser retalhado de todas as formas, enquanto o Espírito se sente vivo, imaginando estar sendo vítima de um terrível engano. A "certeza ilusória" de que o corpo é o verdadeiro "eu", expresso até na forma de falar: "Eu tenho uma alma", é responsável por situações como esta. Quanto mais introjetado o sentimento errôneo de que é o corpo, maior dificuldade tem a alma em processo de desencarnação de reconhecer sua situação real.

As colocações acima nos levam a tecer algumas considerações a respeito dos transplantes. A doação de órgãos são feitas por vontade expressa do indivíduo antes de morrer, ou após sua morte, pelos parentes mais próximos. O ato de doar o cadáver para que suas partes possam ser utilizadas por outras pessoas, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, ou prolonga-la, é, sem qualquer sombra de dúvida, uma atitude de desprendimento. Todavia, se a doação parte do suposto de que "morreu, acabou", pode se transformar em fonte de sofrimento para o doador. Como no caso da autópsia, o Espírito despreparado face à realidade imortalista, vê-se repentinamente, sendo cortado, e seus órgãos retirados, para serem implantados em outrem. Como a retirada é feita quando se dá a "morte clínica", a separação entre corpo e perispírito não aconteceu, ainda, em plenitude, e o Espírito em estado de ignorância começa a imaginar que o estão "matando" e vive os horrores de ser "retalhado em vida", numa tortura inominável. O argumento de que o "ato caridoso da doação" faz com que o doador receba um tratamento especial dos Espíritos Superiores, para que não venha a passar pelos sofrimentos expostos, é altamente relativo. O problema não é de "boa intenção", mas da estrutura psicológica e condição moral do doador. Vimos que Otilia Gonçalves, apesar de espírita praticante, não pode ser atendida pela mentora espiritual, enquanto não ofereceu condições psíquicas para tanto. Imagine-se alguém que esteja bem distante das práticas espiritualizantes ... Portanto, que cada um medite bastante no que vai fazer, quando se dispuser a doar seus órgãos e, principalmente, os que não lhe pertencem ...

Atualmente, no Brasil, cresce o número daqueles que preferem, quando da morte, a cremação. Emmanuel, com seu costumeiro bom-senso, aconselha que se espere um mínimo de setenta e duas horas para que a queima do cadáver seja efetivada. Naturalmente, o sábio mentor deve se basear em alguma estatística levantada pelos órgãos competentes de sua moradia espiritual. Esses estudos devem indicar que a média dos desencarnantes consegue se libertar do corpo nesse período de tempo. Isto, porém, não significa que a totalidade siga esse padrão. Os que não se enquadram na categoria, como por exemplo os que morrem em desastre ou por suicídio, sofrerão as agruras de se sentirem queimados vivos, situação terrível, que poderia ter sido evitada.

O enterro comum também é motivo de inúmeros problemas, todavia, faculta que os Espíritos tenham um tempo normal para que os laços perispirituais se desatem de forma natural.

Mas, a ajuda mais eficaz que um desencarnante poderá receber, seja qual seja o destino que sê-lhe de ao cadáver, é a do esclarecimento sobre o significado do "morrer" e, durante a desencarnação, envolvê-lo em vibrações de prece e amor, que permitirão aos Espíritos bons encontrarem facilidades para socorrer e amparar o que retorna ao mundo espiritual.

O CONSOLADOR

Emmanuel
Francisco Cândido Xavier

151- *O Espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos?*

- Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o "tônus vital", nas

primeiras horas seqüentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.

DOS HIPPIES AOS PROBLEMAS DO MUNDO

Francisco Cândido Xavier

ALMIR - Muito bem Chico. Dna Olga, pergunta: o plano espiritual admite a cremação de corpos?

CHICO XAVIER - Emmanuel, no livro "O Consolador", afirma que a cremação é um processo legítimo, de liberação do espírito desencarnado; apenas, aconselhando que o tempo de expectativa deve ser mais longo nos climas tropicais e subtropicais, nada menos que 72 horas de câmara fria para o nosso veículo carnal, quando nos desvencilhamos dele, no caso de optarmos pela cremação.

CONDUTA ESPÍRITA

André Luiz
Waldo Vieira

Perante a Desencarnação

Dispensar aparatos, pompas e encenações nos funerais de pessoas pelas quais se responsabilize, abolir o uso de velas e coroas, crepes e imagens, e conferir ao cadáver o tempo preciso de preparação para o enterramento ou a cremação.

Nem todo o espírito se desliga prontamente do corpo.

FEITIÇARIA (Exteriorização da Sensibilidade)

Albert de Rochas

A gangrena que se declara depois das amputações é segundo eles, a resultante da decomposição do membro cortado. Queimando este membro, desaparece o perigo. Somente como o paciente sofre durante a cremação do membro destacado, como se tivesse aderente ao corpo, importa anestesiá-lo durante a operação.

VENCENDO A MORTE E A OBSESSÃO

CREMAÇÃO

Richard Simonetti

O medo de ser enterrado vivo induz muita gente a cogitar da própria cremação. Queima-se o cadáver evitando o problema. Mas ha uma duvida que inspira a pergunta mais freqüente nas palestras sobre a morte:

- Se no ato crematório eu ainda estiver preso ao corpo, o que acontecera?

Nessas oportunidades, costumo dizer:

- Bem, no interior do forno a temperatura atinge mil e quatrocentos graus centígrados.

Considerando que a água ferve a cem graus, podemos imaginar o que é isso. Fica tão quente que o próprio cadáver entra em combustão. Então, em meio as labaredas, se o falecido estiver imbuído de concepções teológicas medievais, imaginara, horrorizado: "Meu Deus! Estou no Inferno!"

Trata-se, evidentemente, de uma brincadeira para descontrair os presentes, ante tema tão fúnebre. Qualquer pessoa esclarecida, de qualquer religião, sabe que o Inferno de fogo, onde as almas ardem, em tormentos eternos, sem se consumirem, é uma fantasia desenvolvida em tempos recuados, quando os princípios religiosos se impunham muito mais pelo medo do que pela lógica. Sabemos hoje que Céu ou Inferno não são locais geográficos. Existem na intimidade de cada um, em decorrência de nossas ações.

Objetivamente poderíamos responder à pergunta informando que se o Espírito estiver ligado ao corpo não sofrerá dores, porque o cadáver não transmite sensações ao Espírito, mas obviamente experimentara impressões extremamente desagradáveis, além do trauma decorrente de um desligamento violento e extemporâneo. Oportuno destacar algumas considerações de Emmanuel, no livro *O Consolador*, psicografia de Francisco Candido Xavier:

"Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o espírito desencarnado e o corpo, onde se extinguiu o "tônus vital", nas primeiras horas sequentes ao desenlace, em vista dos fluídos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material."

O próprio Chico, em entrevista na extinta televisão Tupi, em 1971, transmite nova informação de Emmanuel *: Deve-se esperar pelo menos setenta e duas horas para a cremação, tempo suficiente, ao que parece, para o desligamento, ressalvadas as exceções envolvendo suicidas ou pessoas muito presas aos vícios e aos interesses humanos.

Nos fornos crematórios de São Paulo espera-se o prazo legal de vinte e quatro horas. Não obstante, o regulamento permite que o cadáver permaneça em câmara frigorífica pelo tempo que a família desejar. Espíritas costumam pedir três dias. Há quem peça sete dias.

Necessário reconhecer, todavia, que muito mais importante que semelhantes cuidados seria cultivarmos uma existência equilibrada, marcada pelo esforço da auto-renovação e da prática do Bem, a fim de que, em qualquer circunstância de nossa morte, libertemo-nos prontamente, sem traumas, sem preocupação com o destino de nosso corpo.

* Consta do livro *Chico Xavier - Dos Hippies aos Problemas do Mundo*, cap. 18.

A IMORTALIDADE DA ALMA

H.Dennis Bradley

EU — E sôbre a cremação, que nos diz? Para mim isto não representa nenhum problema, já que pouco me importa o que suceda ao corpo depois que o espírito o abandona. Pergunto-o em atenção aos que pensam de modo diverso.

JOHANNES — Faço-o saber, meu filho, que você tem o hábito de tirar conclusões muitas vezes bem prematuras. Em certo sentido equivoca-se quanto cremação dos cadáveres. Aos meus olhos é um crime conservar o envoltório (1) que reveste a alma e o espírito, mas por outro lado você não tem razão em crer que a súbita destruição do corpo pelo fogo não seja prejudicial. Em parte o é. Porque, como sabe, existe um frágil envoltório que rodeia a alma, o qual se dissipa

pouco depois da morte. Algo parecido com uma membrana e que adquire grande sensibilidade dentro duma semana depois da morte. Se se destrói de modo completo o corpo, esta membrana, que de certo modo ainda está ligada ao corpo, sofre grave dano. e seu sofrimento transmite-se à parte desencarnada. Assim, portanto, não deveis sorrir dos chamados néscios que não creem que o corpo inteiramente se separe do resto depois da morte. Antes que a alma e o espírito deixem as trevas para onde vão logo que deixam o corpo, essa membrana se dissipa — mas não imediatamente.

Neste ponto da comunicação alguém o interrompeu com uma pergunta: “Corpo astral?”

JOHANNES — Não. Tolice. Não se trata dum corpo. E’ algo perecível, meio corporal, meio mental, uma coisa que se dissipa depois da morte mas que os clarividentes podem ver a rodear a alma.

A PROPÓSITO DA INTRODUÇÃO À METAPSYCHICA HUMANA

Ernesto Bozzano

Somente 24 horas antes do falecimento, quando já o corpo jazia inerte, com as mãos cruzadas sobre o peito, foi que vi aparecer os “espíritos guias”, que se aproximaram do moribundo e sem qualquer esforço ajudaram o espírito a se desprender do corpo esgotado.

Ao mesmo tempo que isso se dava os assistentes constatavam a morte do corpo. É possível que assim fosse. Com efeito, o pulso e o coração não davam mais sinal de vida, a respiração não mais embaçava o espelho, mas os cordões magnéticos ligavam ainda o espírito ao corpo e assim permaneceram durante 86 horas.. Estou bem certo que se durante esse tempo, dentro de condições favoráveis, uma vontade forte houvesse agido no sentido de compelir o espírito a voltar ao corpo, a ressurreição de Lázaro ter-se-ia repetido. Os cordões afinal se romperam e os traços do defunto, nos quais até então se liam os sofrimentos curtidados, serenaram completamente, tomando uma expressão inefável de paz e de descanso.

INICIAÇÃO AO ESPIRITISMO (Coleção Estudos e Cursos 1 de 7)

Therezinha de Oliveira

VII. Cremação de cadáveres; transplantes de órgãos

O corpo é uma veste e um instrumento muito valioso e útil para o espírito, enquanto encarnado. Depois de morto, nenhuma utilidade mais tem para o espírito que o animou. Poderá vir a ser cremado ou lhe serem retirados órgãos para transplantar em quem os necessite, sem que nada disso traga qualquer prejuízo real para o espírito desencarnado.

Pensam alguns que se o seu corpo for queimado ou lesado haverá prejuízo para a sua ressurreição no mundo espiritual. Entretanto, não é o corpo material que continua a viver alémtúmulo nem é ele que irá ressurgir, reaparecer, mas sim o espírito com o seu corpo fluídico (perispírito), que nada tem a ver com o corpo que ficou na Terra.

No caso de cremação, é recomendável um intervalo razoável após a morte (Emmanuel diz 72 horas), a fim de se ter maior segurança de que o desligamento perispiritual já se completou.

No caso de doação de órgãos, basta que as pessoas se acostumem com a idéia de a fazerem de boa vontade e estejam bem esclarecidas a respeito. Encarnados doam órgãos por amor para ajudar alguém, e não receiam qualquer sofrimento ou inconveniente que isso lhes traga. Por que não doar órgãos depois de estar morto o nosso corpo, quando eles já não nos servem mais nem sofreremos quando forem retirados do corpo que houvermos abandonado?

FISIOLOGIA TRANSDIMENSIONAL

Décio Iandoli Jr

Enquanto ainda houver uma ligação do perispírito com o corpo físico (fio de prata), mesmo após a morte clínica, o Espírito mantém certa sensibilidade, existindo casos até de a pessoa perceber a deterioração de seu corpo físico, situação muito comum nos suicidas. Veja como André Luiz descreve um Espírito sofredor encontrado no cemitério em que enterravam o cadáver de Dimas: “Compreendi, então, que a desventurada sentia todos os fenômenos da decomposição cadavérica e, examinando-a detidamente, reparei que o fio singular, sem a luz prateada que o caracterizava em Dimas, pendia-lhe da cabeça, penetrando chão adentro”.

Esse dado nos obriga a meditar sobre a cremação e a doação de órgãos, necessitando o assunto de um cuidado maior e uma discussão mais profunda.

Essa ligação com o corpo físico, mesmo após a morte orgânica, permite a difusão de energias sutis ainda presentes no corpo físico, e que serão recolhidas ao perispírito ou se dispersarão na natureza.

O tempo para o total desligamento é variável e dependente dos padrões vibratórios do pensamento emanado pelo Espírito, como já destacamos, e são respeitados mesmo nos casos de morte violenta, ressaltando que, nessas circunstâncias, o processo é muito mais dificultoso e necessita do auxílio dos irmãos da espiritualidade de forma mais “intervencionista”. Devemos ter em mente que nenhum desencarne é rigorosamente igual a outro, dependendo, principalmente, da evolução espiritual e do pensamento e convicções da pessoa desencarnante.

Em situações de morte provocada por drogas anestésicas (eutanásia), o processo de desligamento também é bastante dificultado, pois ocorre um “desligamento” das células nervosas impedindo o desembaraçamento das ligações fluidicas. André Luiz, ainda no livro *Obreiros da Vida Eterna*, descreve o desencarne de Cavalcante, dado nessas circunstâncias: “A carga fulminante da medicação de descanso, por atuar diretamente em todo o sistema nervoso, interessa os centros do organismo perispiritual. Cavalcante permanece, agora, colado a trilhões de células neutralizadas, dormentes, invadido, ele mesmo, de estranho torpor que o impossibilita de dar qualquer resposta ao nosso esforço. Provavelmente só poderemos libertá-lo depois de decorridas mais de 12 horas”.

Como bem disse o orientador Jerônimo a André Luiz, nesse mesmo livro: “Ninguém corte o que possa desatar.

Nesse processo metamórfico, ocorre a passagem de informações da memória celular física para o banco de dados do perispírito (corpo causal), como um disquete transferindo suas informações para o disco rígido do computador, repassando todas as memórias da sua vida recente.

Algo parecido ocorreu no processo de reencarne, em que a ontogênese recapitulou a filogênese, preparando o indivíduo para a vida carnal. Os pacientes que experimentaram a Experiência de Quase Morte (EQM) relatam esse fenômeno.

No período imediato ao desencarne é que se inicia, então, o nosso contato com a lei da causa e efeito. Naqueles que desencarnaram lentamente, através de um processo mórbido, a confrontação e depuração já se iniciaram, pois há tempo para meditação e aceitação da morte,

levando o indivíduo a fazer um balanço da sua vida e de seus atos; todavia, nas mortes abruptas e violentas, esse confronto, muitas vezes, é mais doloroso, podendo provocar desordens que levariam o Espírito a regiões de refazimento, até que possam recobrar seu equilíbrio. Tais regiões funcionariam como mata-borrões que drenam elementos tóxicos do perispírito desencarnante, produzidos por idéias e/ ou sentimentos de baixo padrão vibratório.

RUMO ÀS ESTRELAS

H. Dennis Bradley

Ao tempo da partida de Everett estávamos já com mais de duas horas de sessão, mas a despeito das pausas o tempo havia corrido com rapidez.

Começamos a discutir se poríamos fim aos trabalhos. Súbito, um som inarticulado se fez ouvir: uma das cornetas moveu-se, ergueu-se a pequena altura e caiu. A seguir, um som assobiado. Novamente a corneta ergueu-se, como se movida por considerável esforço e dela saiu um murmúrio impossível de ser interpretado. Perguntamos quem estava querendo falar. Aos poucos a voz ganhou intensidade e enunciou um nome novo para nós. Com dificuldade e gradativamente, sempre por meio da corneta, viemos a saber tratar-se do espírito de um Dr. Krauskopf, que desejava confiar-nos certa mensagem. Sua voz gutural foi lentamente adquirindo força, até que soou alta. Tinha um rude acento judaico, muito pronunciado.

Esse espírito mostrava-se desesperadamente ansioso por fazer-se entendido, o que muito prejudicava a sua manifestação. Impaciente em excesso. Só depois que lhe pedi o nome letra por letra, é que pudemos identificá-lo.

Joseph Dasher ajudou-me a reter as letras. Era o Reverendo Dr. Joseph Krauskopf, morador na Avenida Prilaski nº 4715, em Filadélfia, graduação pelo Seminário Hebraico de Nova York e autor de várias obras. Havia morrido seis dias antes. Esse espírito usava a palavra “morrer”, embora os médiuns espiritualistas, bem como os espíritos, nunca falem assim; dizem “passar”. (Tem sua significação o fato de Krauskopf inconscientemente empregar uma expressão da terra). Seu corpo, disse-nos ele, fora cremado, e muitas vezes seus colegas e amigos debateram um ponto: se a cremação afetava a vida do espírito. A mensagem que ele queria transmitir-lhes era esta: “O espírito sobrevive à cremação.”

Logo que a recolhemos, Krauskopf emudeceu, dando-nos a impressão de ansioso por afastar-se, como se estivera muito apressado e só aparecesse para aquilo.

Deixou-nos depois destas palavras: “Muito vos agradeço, meus senhores, pelo serviço de levardes minha mensagem aos amigos.” Apesar da polidez do agradecimento notamos a autoridade do tom, mais reveladora duma personalidade autoritária do que de alguém que pede. Utilizava-se de nós como de quatro simples mensageiros, o que não deixou de me ofender.

O mais curioso foi revelar tamanha pressa em ir-se que, começando sua frase de agradecimento no meio do quarto e através da corneta, derrubou-a logo a seguir e disse a última palavra já longe de nós, num dos cantos do teto.

Uma saída extraordinariamente viva - impaciente, urgente, dramática e real. Cena tão prodigiosa, que se não fora o anterior colóquio com minha irmã eu a teria tomado como ilusão.

CHICO

Elifas Alves

Repercussões de O Globo
Cap. III 10 §85 (130)

“P – Sentem os desencarnados os efeitos da Cremação de seus despojos mortais?

R – Geralmente, nas primeiras horas do “post mortem” ainda se sente o espírito ligado aos elementos cadavéricos.

Laços fluídicos, imperceptíveis ao vosso poder visual, ainda se conservam unindo a alma recém liberta ao corpo exausto; esses elos impedem a decomposição imediata da matéria. E, por esta razão, na maioria dos casos o Espírito pode experimentar os sofrimentos horríveis oriundos da cremação, a qual nunca deverá ser levada a efeito antes do prazo de cinquenta horas após o desenlace. A cremação imediata ao chamado instante da morte é, portanto, nociva e desumana.

ENSINA-NOS A ORAR

Djalma Motta Argollo

Cap. 11 §3 (103)

Emmanuel, inquirido sobre a cremação de cadáveres, não lhe pôs nenhum obstáculo, recomendando, apenas, que aguardassem setenta e duas horas, antes da incineração, para se efetuar o completo desatamento dos laços que prendem o Espírito ao cadáver.

MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

André Luiz

Mediunidade § 6 (13)

Os espíritos vingativos em torno de calígula eram tantos que, depois de lhe enterrarem os restos nos jardins de Lâmia, eram ali vistos, frequentemente, até que lhe exumaram os despojos para a incineração.

PENA DE MORTE & CREMAÇÃO

Bismael B. Moraes

Toda a Segunda Parte – Proibida a Reprodução

PÉROLAS DO ALÉM

Espíritos Diversos

Nesta obra é transcrito o conceito registrado em “O Consolador”

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de

elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritos sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.

